



## TEATRO NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES DECOLONIAIS PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A SEXUALIDADE

Elisângela Oliveira dos Santos<sup>1</sup>  
Elni Elisa Willms<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente resumo traz reflexões que se relacionam com o objeto de pesquisa em fase inicial, que busca compreender o teatro como uma linguagem estética e educativa na abordagem de questões ligadas a sexualidade, assuntos que também foram objeto de discussão na disciplina de Teoria da Educação Moderna e Contemporânea, pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Rondonópolis. O estudo se faz numa perspectiva decolonial e interseccional para as discussões em relação as questões sociais, de gênero, sexualidade e educação. Metodologicamente fez-se uso do método hermenêutico de interpretação. Tais análises tem proporcionado uma compreensão que aponta para a necessidade de mudanças de atitudes em relação aos temas ligados à sexualidade.

**Palavras-Chaves:** Sexualidade; Decolonial; Interseccional; Educação.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade, relacionar o objeto de pesquisa – teatro e sexualidade – à disciplina Teoria da Educação Moderna e Contemporânea, cursada no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Rondonópolis, que promoveu reflexões sobre as questões de gênero e sexualidade no ambiente escolar, a partir de uma perspectiva decolonial.

Muitas foram as questões levantadas sobre as teorias contemporâneas na educação, tais como reflexões sobre comportamentos, as ações dos indivíduos e as normas morais que os conduzem, de onde vem e a quem atendem. Palavras como decolonialidade e interseccionalidade foram norteadoras nessa caminhada.

As leituras e discussões contribuíram para desanuviar o conhecimento que se tinha até então sobre gênero, sexualidade, educação e principalmente, sobre o papel do educador em meio ao caos de descobertas sobre a sexualidade no ambiente escolar.

Os textos abordados possibilitaram descobrir um mar de possibilidades, sempre buscando reflexões em um contexto educativo, mas que também mostrou a cada instante que o ato de ensinar e educar está muito além de uma sala de aula. Considerando que desde as escolhas dos conteúdos, o que ensinar, como e por que ensinar, o que se quer ensinar, terá uma parte do educador refletindo e atravessando essas decisões, a partir de suas vivências, estudos e experiências. Para além, reconhecer que ambos saem modificados nesse processo de ensino e aprendizagem.

Decolonialidade e interseccionalidade foram palavras chaves para tais reflexões, assim como o termo “história única”, cunhado pela nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie e mencionado no texto

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU-UFR. Instituto de Ciências Humanas e Sociais – UFR/UFMT. E-mail: [e.oliveira@aluno.ufr.edu.br](mailto:e.oliveira@aluno.ufr.edu.br)

<sup>2</sup> Doutorado em Educação pela FEUSP, Professora da UFMT e do Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGEDU-UFR. Educação. Instituto de Ciências Humanas e Sociais – UFR. E-mail: [elni@ufr.edu.br](mailto:elni@ufr.edu.br)



*Olhares Outros* (MATOS, 2022), foi o que efetivamente provocou reflexões e contribuiu diretamente no processo de interpretação da pesquisa em andamento sobre o teatro e a sexualidade na escola.

Este termo, história única, traz como reflexão a forma como temos lidado, ao longo da história, com “verdades únicas e absolutas”, muitas vezes equivocadamente fazemos isso ao ler livros e artigos de renomados escritores, tomamos para nós como verdade o que foi lido e não paramos para pensar sobre as perspectivas escolhidas por esse autor e o porquê de tais escolhas, concepções estas que na grande maioria das vezes são eurocentradas.

A partir dessa nova construção de pensamentos, entende-se que há a necessidade de sempre buscarmos outros ângulos, novos olhares sobre uma mesma ideia ou conceito, pois educar, para além de apenas ensinar é, sobretudo, auxiliar no processo de constituição integral das pessoas, com as quais nos encontramos como educadores nas escolas, compreendendo que ao passo em que nos modificamos também geramos mudanças no nosso entorno, podemos alterar memórias que são subjetivas mesmo tendo um mesmo fato como referência, pois somos ao mesmo tempo seres únicos, plurais e inconstantes, incompletos e inacabados.

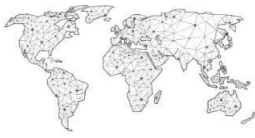
Dessa forma, o objetivo do trabalho é apresentar as reflexões extraídas das leituras e discussões em sala de aula e as contribuições para o enriquecimento da pesquisa de pós-graduação *stricto sensu* em fase inicial, sobre o teatro na escola como uma linguagem estética e educativa na abordagem da sexualidade.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa encontra-se em fase inicial, metodologicamente, por meio de análises bibliográficas, buscar-se-á uma reflexão sobre a sexualidade no ambiente escolar nas aulas de teatro. A pesquisa bibliográfica segundo Severino (2010) é realizada por meio de registros de investigações previamente realizadas em documentos impressos como livros, artigos, teses e dissertações. Para o autor, estes textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes nos textos. Segundo Minayo (1993, p. 24), pode-se afirmar que se trata de uma pesquisa do tipo qualitativa:

[...] a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados que correspondem a um espaço mais profundo das relações que não podem ser reduzidos a equações. Compreende e explica a dinâmica das relações sociais, que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalha com a vivência e também com a compreensão das estruturas como resultado da ação humana.

A partir da finalidade de compreender o teatro no ambiente escolar, enquanto linguagem estética e educativa na abordagem da sexualidade, a apreciação das análises bibliográficas ocorrerá



por meio do método hermenêutico, que busca estabelecer uma relação entre o significado dos textos e as ações humanas por meio de uma interpretação aprofundada.

É essa dimensão referencial absolutamente original da obra de ficção e de poesia que, a meu ver, coloca o problema hermenêutico mais fundamental. Se não podemos definir a hermenêutica pela procura de um outro e de suas intenções psicológicas que se dissimulam por detrás do texto; e se não pretendemos reduzir a interpretação à desmontagem das estruturas, o que permanece para ser interpretado? Responderei: interpretar é explicitar o tipo de ser-no-mundo manifestado diante do texto. (RICOEUR, 1990, p. 56)

O estudo dos métodos e preceitos usados para aspirar a essência de textos, discursos e outros tipos de comunicação se caracteriza como hermenêutica e tem sido aplicado em uma ampla variedade de campos, incluindo o teatro. Com esse método permeamos o pensamento de que a interpretação não é simplesmente um processo de descobrir o significado objetivo do texto, mas também um processo de compreensão do contexto histórico e cultural em que a obra foi escrita e por fim como o leitor se posiciona diante desses mundos desvelados pelos textos, pois nesta perspectiva hermenêutica, compreender é compreender-se diante dos textos:

[...] quando tentamos considerar o fenômeno hermenêutico guiados pelo modelo da conversação que se dá entre duas pessoas, o caráter comum que serve de orientação entre essas duas situações aparentemente tão diversas, entre a compreensão do texto e o acordo numa conversação, consiste sobretudo no fato de que toda compreensão e todo acordo têm em mira alguma coisa com a qual estamos confrontados. Da mesma forma que nos pomos de acordo com o nosso interlocutor sobre algum assunto, também o intérprete compreende a coisa que lhe diz o texto. (GADAMER, 2005, p. 493).

Sendo assim, a hermenêutica, como método científico de análise, direciona o pesquisador para uma imersão no texto, estimulando-o a abandonar a neutralidade diante da obra e se reconhecer diante dela.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas bibliografias selecionadas para os estudos e debates, tanto a decolonialidade do ser, do saber, do fazer, quanto a interseccionalidade que atravessa a existência humana, estiveram em pauta, sendo estes, dois marcadores que provocaram reflexões sobre os corpos que ocupam os mais diversos lugares.

A colonialidade do ser, faz parte de uma das problemáticas em relação as questões de gênero e sexualidade, pois, é “ensinado” desde cedo que se deve seguir um “padrão” para ser “aceito” na sociedade. Essa reflexão surge quando em um dos textos se lê: “você vai ver o mundo desse jeito,



porque esse é o jeito correto de ver o mundo; você vai pensar assim, porque assim é a forma correta de pensar; e você vai sentir isso, porque esse é o sentimento correto. O resto é pecado” (REZENDE; 2020, p. 23).

Ao analisar o trecho acima, torna-se claro o mecanismo opressor da colonialidade sobre o ser, saber, sentir, pensar e como é fundamental a existência de espaços que promovam discussões sobre a decolonialidade, que a enxergam como um conjunto de práticas de intervenção e luta contra a universalização dos indivíduos e seus corpos.

Para Brandão (2013), a educação é um processo que vai acontecendo ao longo da vida, a todo o momento, em todos os lugares e espaços. Sendo assim, a questão-problema que move esta pesquisa é: Como o teatro, na escola, pode contribuir para uma reflexão sobre a sexualidade? A partir de Brandão (2013) é possível entender que o teatro é educativo por ser uma prática social.

Heuseler e Leite (2012) ao debater sobre a questão da sexualidade, homossexualidade, sexo e afeto, de certa forma, é possível combater o preconceito e a discriminação social, indo ao encontro com o discurso decolonial debatido durante as aulas. Nesse viés, Spivak (2010) diz que “a tarefa do intelectual pós-colonial deve ser a de criar espaços por meio dos quais o sujeito subalterno possa falar para que, quando ele ou ela o faça, possa ser ouvido(a)” (SPIVAK, 2010, p. 14).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decolonizar a educação significa promover diálogos com os conhecimentos em suas multiplicidades de formas, sem hierarquias em nenhum nível ou instância, reconhecendo as diversas maneiras de produção, de conteúdos, saberes e vivências. Nesse sentido, decolonizar o conhecimento é sobretudo entender que cada indivíduo possui um referencial adotado, não existindo discurso neutro. Daí a necessidade do diálogo com o teatro como um direito humano capaz de fazer emergir outras possibilidades de ser e estar no mundo. Pode ser um caminho educativo para aprender com respeito e dignidade sobre as diversas formas de existir das pessoas.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2013.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I**. Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. São Paulo: Editora Universitária São Francisco, 2005.

HEUSELER, Denise; LEITE, Gisele. **Homossexualidade sob a ótica de Foucault**, Santa Catarina, XII. Disponível em: <https://egov.ufsc.br/portal/conteudo/homossexualidade-sob-%C3%b3tica-de-foucault> Acesso em 28 set. 2022.



MATOS, Doris Cristina Vicente da Silva. Olhares outros. In: LANDULFO, Cristiane; MATOS, Dóris. (Org.). **Suleando conceitos em linguagens: decolonialidades e epistemologias outras**. Campinas: Pontes Editores, 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.  
FERREIRA REZENDE, Tânia et al. Por uma postura decolonial na formação docente e na educação linguística: conversa com Tânia Rezende. Gláuks: **Revista de Letras e Artes**, v. 20, n. 1, p. 15-27, 2020. DOI: <https://doi.org/10.47677/gluks.v20i1.161> Disponível em: <https://www.revistagluks.ufv.br/Gluks/article/view/161>. Acesso em: 17 set. 2022.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologias**, organização, tradução de Hilton Japiassu. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte, MG: UFMG, 2010.